VIGIAR E CALAR EM "DANÇAS HÚNGARAS DE BRAHMS", TEXTO DE TERESA VEIGA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda[1]

RESUMO:

O objeto desse estudo é o conto de Teresa Veiga, **Danças húngaras de Brahms**, segundo dos três contos que integram o livro **As Enganadas**. Neste trabalho abordam-se as relações de poder entre mãe e filho tomando como base para as reflexões o pensamento de Michel Foucault, o qual considera o poder como transversalidade, mais precisamente como *microfísica,* uma vez que este está em todo lugar e em todas as coisas. Neste caso, verifica-se o poder voltado para a produção do sujeito sobre o corpo individual que resiste e que não se subordina a normalização. É um poder que resulta da postura de alguém que sabe e se cala e, assim, perturba-se e se pune.
PALAVRAS-CHAVE: poder, corpo, silêncio, autopunição

DISCIPLINE AND SILENCE IN "DANÇAS HÚNGARAS DE BRAHMS", A TEXT BY TERESA VEIGA

ABSTRACT:

The object of this study is Teresa Veiga's short story **Danças húngaras de Brahms** second of the three short stories which compose the book **As enganadas**. In this paper, the power relations between mother and son are discussed basing our reflections on Michel Foucault's thinking which considers the power as transversality, more specifically as microphysics, since it is everywhere and in all things. In this sense, we notice the power addressed to the production of the subject upon the individual body which resists and does not subject itself to standardization. It is a power that results from the attitude of someone who knows and keeps it to themselves and then gets uncomfortable with that and punishes themselves.

KEYWORDS: power, body, silence, self-punishment

[1] Profª. Dra do C.H.- Campus III da UEPB

No livro **Vigiar e Punir**, Foucault caracteriza a sociedade contemporânea como disciplinadora, exercendo poder de vigilância e controle constantes na vida dos indivíduos. As relações de poder estão em toda parte: nas escolas, nas igrejas, nas indústrias, nos hospitais, nas famílias. Uma das formas de vigilância é o exercício da disciplina e prática correcional que procura normalizar o comportamento dos indivíduos visando à docilidade dos corpos. Aspectos considerados relevantes do pensamento de Foucault serão norteadores da análise que aqui fazemos do conto da escritora portuguesa Teresa Veiga, **Danças húngaras de Brahms**.

Uma mãe viúva (Faustina), um filho único (Fábio) são as principais personagens da história. Entre eles havia um relacionamento aparentemente tranqüilo, mas frio, quase nenhum diálogo. Podemos mesmo afirmar que a mãe não conhecia o filho e o filho não confiava na mãe. Ela não conhecia as pessoas com quem ele se relacionava bem como suas preferências afetivas e sexuais.

Quando Fábio, jovem de dezenove anos, começou a sair de casa à noite e não lhe dando explicações acerca de suas atividades fora de casa, a mãe repressora, que o considera propriedade sua, desperta, e nem assim, abre-se para uma conversa franca, principalmente com vistas a fortalecer ou anular a suspeita de ser o filho homossexual. Ao contrário, Faustina faz acionar mecanismos externos para conhecer o itinerário de seu filho, companhias e atividades motivadoras das freqüentes ausências. Usando um subterfúgio incompatível com a clareza necessária a uma relação visceral como a de mãe e filho, Faustina procura uma agência de detetive, contrata os serviços profissionais de um detetive, Lamartine, para seguir o filho. Instala-se o poder na horizontalidade do sujeito individualizado. Fábio passa a ser seguido aonde quer que vá por esse detetive, sob as ordens da mãe. Não há mais limite entre o público e o privado.

> O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre os corpos dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para se oporem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui esta mesma força (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 1996, p 119).

Lembra-se que Foucault quando analisa as instâncias mostrando o poder mesmo recaindo sobre o corpo, ele não se exerce necessariamente pela violência e

repressão. Reproduz, ao contrário, o real antes de reprimir, o verdadeiro antes de ideologizar, abstrair. É necessário um "dispositivo" que possa operar as técnicas, a disciplina, noção que se define como segue,

> A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente [...] O corpo se constitui como peça de uma máquina multissegmentar" (FOUCAULT, 1987, p. 138-139)

Lamartine aconselhou Faustina a "instalar um aparelho de escuta telefônica" (VEIGA, p. 46) , que poderia ser escondido "atrás de uma mesa, dentro de uma gaveta, debaixo da cama, numa prateleira entre livros [...] arranjar um pretexto para passar um dia fora de casa e [...] proceder de modo a afastar da cabeça do filho a idéia de que andava preocupada por sua causa." (VEIGA, 2003, p.47). Todavia, a mãe recusa a proposta do detetive com medo de que o filho descubra a manobra que o fez ficar sob a mira de um detetive especialmente contratado para vigiá-lo " [...] não quero perder a confiança do meu filho. Toda eu tremo só de pensar nisso" (VEIGA, 2003, p. 48) O olhar vigilante da mãe, comodamente, vai ser substituído pelo do detetive que se rege por um código de conduta moral conservador e que age com muito profissionalismo. Tempos atrás, ele havia pensado em se tornar um escritor policial, mas "admitiu que devia parar e reconsiderar sobre a verdadeira natureza do embargo que lhe impedia o livre fluxo da palavra, outrora um rio transbordante de vitalidade, agora um riacho lamacento com cheiro fétido e peixes enventrados" (VEIGA, 2003, p. 50)

Ao delegar os poderes ao detetive, Faustina tornou-se disposta a enfrentar o que estivesse por vir ou os fatos que se revelassem, a partir do trabalho do detetive. No entanto, quando, três dias depois, Lamartine telefonou para ela a fim de marcar uma nova entrevista, o medo visitou-a novamente, temia a confirmação de suas suspeitas, que seria afinal, a definição da homossexualidade do filho. Ela resolveu retardar a entrevista, considerando ganhar tempo suficiente para aceitar a confirmação da homossexualidade do filho. E na forma como Foucault havia evidenciado que cada relação social guarda em si uma possível relação de poder, o detetive "assumiu a postura benévola do médico que sabe que tem a vida do doente nas mãos" (VEIGA,2003, p. 56) e com sua autoridade lhe revela a verdade que se escondia no discurso do corpo:

> O seu filho não anda com nenhum homem nem nenhuma mulher em particular. O colega que lhe telefona para casa é de uma boa família e não se apurou que tenham encontros íntimos. Gostaria de ficar por aqui, mas... a verdade é que se passa alguma coisa. O seu filho, minha senhora, dança num clube noturno. (VEIGA, 2003, p. 56)

Do questionamento de Faustina às informações obtidas, fica bem claro não só o desconhecimento das atividades artísticas do filho, a surpresa da mãe, mas sobretudo o desconforto de, na posição de mãe, ignorá-lo.Uma foto apresentada por Lmartine é a prova inquestionável de que Fábio era um bailarino.Estabelece-se a conexão do título com o desvelamento do que estava oculto. Com muita habilidade, o investigador vai, através de perguntas, fazê-la recordar a destreza e a flexibilidade do filho nas aulas de ginástica e com jogos. Chegou até a aconselhá-la como agir com o filho face à nova informação, assumindo uma postura normalizante: "deixar o filho levar a vida que entendesse desde que não pusesse de lado os estudos." (VEIGA, 2003, p. 58)

Nessa normalização sugerida, o poder, mesmo recaindo sobre o corpo, seria mais uma manobra, uma tática cujo efeito seria o do conjunto da disciplina no espaço social e que na relação passaria tanto pelo dominado (filho) quanto pelo dominador (mãe) de modo racional, mas humanizado. O corpo dócil torna-se-ia hábil e eficaz, o homossexualismo visto pela mãe como algo negativo, passaria a positivo porque seria rentável.

Tudo já parecia ter sido dito e a conversa estava para ser encerrada, quando Faustina, movida pela curiosidade, quis saber onde era o lugar em que Fábio dançava. Tratava-se de um clube noturno, privativo para homens.

Para atenuar o seu constrangimento com a certeza da homossexualidade do filho, tenta enganar-se, concluindo que ser bailarino não era ser um homossexual "puro e simples", mas "uma sensibilidade feminina em colisão com o seu verdadeiro sexo" (VEIGA, 2003, p.58), forma de continuar escamoteando a verdade, de fugir da realidade, uma vez que sobre o sexo do filho ela não conseguia exercer poder repressor. Em casa, vai ao encontro de Fábio, abraça-o desesperadamente, trocam brincadeiras, mas não se abrem ao diálogo. Ela preferiu tomar um ansiolítico, "Xanax" e um chá de tílias para dormir.

Na noite seguinte, assistem juntos ao espetáculo celeste de "uma chuva de estrelas cadentes" que não teve o efeito pirotécnico esperado. Faustina fez entremear o silêncio entre ambos, com frases reveladoras do seu estado de espírito a que o filho não deu importância e a que a mãe, já afeita ao seu temperamento calado, não estranhou. Aqui, os jogos de força se equilibram: o discurso da mãe, a estratégia usada por ela para mostrar que sabia o que se passava com o filho nada significou. A pergunta que ela gostaria de fazer não o fez: "Que desejos é que formulaste ao ver cair as estrelas?" (VEIGA,2003 p.62) Exageradamente, considerava isto uma ingerência, cheirava uma violação no espaço do outro.

Nas leituras, ela encontra o refúgio para as preocupações que a atormentam e que só se atenuavam quando ela e o filho "respiravam o mesmo ar lado a lado, como se estivessem dentro de um ovo e o mundo à volta fosse uma mera hipótese ou produto do delírio de um cientista que levava longe demais as brincadeiras no computador" (VEIGA, 2003, p.66) Verifica-se claramente a fragilidade das relações entre ambos, e o não enfrentamento por parte da mãe da verdade revelada. Antes mesmo, ela já tinha pistas suficientes para admiti-la: o fato de Fábio ter adoecido e só colegas masculinos telefonarem para informarem-se do seu estado, sobretudo um deles que lhe telefonara todas as noites e que uma vez, ao atender ao telefonema, Fábio pediu que ela se afastasse; suas amizades eram sempre masculinas; de um amigo inseparável por sete anos, considerado como um irmão por ele e acolhido por ela como um filho .Este veio a falecer deixando-o inconsolável. Numa atitude de cumplicidade e ao mesmo tempo de egoísmo para mantê-lo junto de si, e somente ela exercer o olhar vigilante sobre ele, procurava deixar claro que nada alteraria a imagem que tinha dele, concedendo-lhe a falsa liberdade de ele ser o "único juiz e polícia de si próprio" (VEIGA, 2003, p 68)

O filho vai recolher-se, não sem antes pedir para que a mãe conserte o seu blusão novo que se rasgou. Ela adormece ali mesmo e as lembranças de outros tempos misturam-se no sonho com outras imagens mais recentes: a idéia de dividir suas inquietações, de escrever para a madrinha do filho e no sonho esta envia uma jovem, Mariana, para compartilhar esses momentos e, quem sabe, despertar algum sentimento amoroso em Fábio. Ambas trocam muitas confidências, enquanto jogam cartas esperando Fábio regressar de mais uma de suas saídas noturnas. Ambas foram vítimas de sofrimentos ao longo da vida, ambas têm visão diferente quanto ao modo de encarar o vivido e enfrentar o presente. Para Mariana, os fatos passados são como incógnitas da vida "o presente é que conta e que a atitude mais sensata é a de quem se dispõe a recomeçar a viver todos os dias como se tivesse que escrever numa página em branco." Para Faustina, o que viveu tempos atrás acudiam-lhe a mente todos os dias, "tão vivamente como se estivesse condenada a viajar em círculos, revisitando continuamente os mesmos lugares." (VEIGA, 2003, p. 73) De acordo com Freud o sonho é a realização dos desejos e neste caso, eles se configuram em Marina, a jovem que em sonhos, aparece como possibilidade de reverter a sexualidade do filho.

No sonho, Faustina vai além: segue Fábio, incógnita, juntamente com Mariana até o local onde ele costuma dançar, um clube masculino, num local afastado da cidade. Irrompem as imagens dos troncos nus em movimento, do aparecimento de Fábio na dança nº 2, o seu receio de ele percebê-la na platéia. Na dança nº 4 de

Brahms, quando ele aparece sozinho, seu coração já está apaziguado, acompanha os momentos de calma voluptuosidade e de explosão apoteótica. Ao final da dança nº 6, os bailarinos são bastante aplaudidos, estão vestidos com saias estampadas, ajoelhados no chão, " como grandes flores degoladas" (VEIGA,2003, p. 83). Nesse momento, as sensações reprimidas soltam-se, ela se sente vulgar, como se tivesse assistido a cenas de pornografia. Em meio a gritos ensurdecedores, quer falar, não consegue, é expulsa do clube pelo porteiro.

O sonho, tornado pesadelo, prossegue. Logo se encontram em um clube feminino, Casa da Rosa, onde reencontra uma irmã de que há muito não tinha notícias. A irmã é assumidamente lésbica e é a dona dos dois clubes. Estava prestes a abandonar o local, mas tinham de pagar a conta. Foi o tempo suficiente para a irmã, Rosa, reconhecê-la e estenderem os braços uma a outra. Seria este detalhe do sonho o que ela inconscientemente tinha racionalizado como forma de aceitar o homossexualismo do filho? Mais uma vez recorre-se a Freud que diz:

> [...] ocorre todas as noites com nossos pensamentos oníricos, o pensado (o desejado) apresentava-se simplesmente de forma alucinatória. Foi preciso que não ocorresse a satisfação esperada, que houvesse uma frustração para que essa tentativa de satisfação pela via alucinatória fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então de decidir por conceber as circunstâncias reais do mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste. Com isto foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica: não mais era imaginado o que fosse agradável, mas sim o real, mesmo em se tratando de algo desagradável [...] princípio da realidade. (FREUD, 2004, p 64)

O fato de a irmã dela ser lésbica traz à tona a possibilidade de, no caso do filho, ser uma "herança genética", fato que não se teria condições para questionar, ou em caso de vir a ser rejeitado, motivo maior de sua preocupação, já minimiza a situação, antecipando uma resposta possível e atenuante: não ser ele o único na família. Mas, por outro lado, os laços de sangue e a afetividade estariam acima de tudo o que se revela no abraço entre ambas, não tão forte como teria de se esperar entre duas irmãs que há muito tempo não se vêem, e que, no entanto, foi frio sob o impacto da situação esclarecedora de sua preferência sexual. Tudo isto simbolizando como deveria ser a sua atitude para com o filho, a situação de enfrentamento, a partir daquele momento - silencioso. Com um grito, Faustina olha para as mãos latejantes com sangue. Havia uma agulha nela espetada, retira-a e comprime com um lenço o local atingido pela agulha. A autora, Teresa Veiga, de modo simbólico, faz representar o sofrimento da mãe, que impossibilitada de disciplinar a preferência sexual do filho, seu comportamento projeta com o furo da agulha o silêncio que ela deve manter, sua

própria punição pela cegueira que se interpôs entre o" soberano" e o "subalterno" e de que ela não se perdoa.

O blusão novo de Fábio com que se cobrira à noite e que necessita de consertos é a prova material que confirmava seus receios "de uma queda, um assalto, uma briga, um seqüestro, um resfriado que dava pneumonia, um acidente impossível de prever e prevenir" (VEIGA, 2003, p.67). Os atos que se seguem; arrumar os livros que ambos estavam lendo na noite anterior, guardar o disco com as Danças de Brahms, depois de retirar o pó com a manga, encostar-se na varanda para ver o dia nascendo e olhar-se no espelho, todos eles revelam o quanto ela vai guardar essa verdade e escondê-la em seu próprio coração. A verdade dispensa o falar, que implicaria em despojar-se do afeto e do respeito pelo filho. Ela permanecerá no silêncio, no reconhecimento do limite do seu poder e de tolerância com o outro.

Ao final, fica-se com a constatação de que as relações humanas são sempre superficiais. O poder lida com um "a priori", a superficialidade que se interpõe entre o soberano e o subalterno, mesmo que os membros dessa relação sejam mãe e filho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Elisabeth. **O poder e o silêncio**: chaves do discurso na ficção de Teresa Veiga. Trabalho apresentado no XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências. USP - São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 24ª ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente.** Coordenação Geral de Tradução: Luiz Alberto Hanss. Rio de Janeiro: Imago, 2004, Vol. I.

VEIGA, Teresa. **As enganadas**. Lisboa: Cotovia, 2003.